

## DA LEITURA LITERÁRIA AO LETRAMENTO LITERÁRIO: UM DESAFIO ESCOLAR



## FROM LITERARY READING TO LITERARY LITERACY: A SCHOOL CHALLENGE ON THE CONTEMPORARY

Fabiana Bragança da Silva Oliveira<sup>1</sup>  
Fani Miranda Tabak<sup>2</sup>

**Resumo:** Este artigo apresenta algumas das complexas questões que envolvem a tarefa de pensar, organizar e implementar a leitura literária e o estabelecimento concreto de práticas de letramento literário junto aos jovens leitores do Ensino Fundamental Anos Finais. Para tanto, apoia-se nas práticas do modelo recepcional e na importância da subjetividade para um processo mediativo eficaz e contundente. A partir de uma experiência prática com recontos latino-americanos de contos tradicionais, constrói-se uma relação de afeto e leitura que transcendem as fronteiras escolares. Essa experiência não só ressignifica a leitura desses jovens em formação como também os inicia na arte da palavra literária.

**Palavras-chave:** leitura literária; recepção; letramento literário; mediação.

**Abstract:** This article presents some of the complex issues that involve the task of thinking, organizing and implementing literary reading and the concrete establishment of literary literacy practices among young readers in Elementary School Final Years. To this end, it relies on reception model practices and the importance of subjectivity for an effective and forceful mediative process. From a practical experience with Latin American retellings of traditional tales, a relationship of affection and reading is built that transcends school boundaries. This experience not only gives a new meaning to the reading of these young people in training but also introduces them to the art of the literary work.

**Keywords:** literary reading; front desk; literary literacy; mediation.

---

<sup>1</sup> Mestre em Letras pelo Programa de Mestrado Profissional em Letras (Profletras) da Universidade Federal do Triângulo Mineiro (UFTM). Uberaba/Brasil. Professora da Escola Estadual Professor Chaves. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/2916366802200199>, ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-4595-9229>. E-mail: [bragheupi@gmail.com](mailto:bragheupi@gmail.com)

<sup>2</sup> Doutora em estudos Literários pela Universidade Estadual Paulista (UNESP). Professora Associada da Universidade Federal do Triângulo Mineiro (UFTM), Uberaba/Brasil. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/2487581466860951>, ORCID: <http://orcid.org/0000-0002-5647-1077>. E-mail: [fani.tabak@uftm.edu.br](mailto:fani.tabak@uftm.edu.br)

## Introdução

A leitura literária no contexto escolar fomenta muitas discussões e pesquisas relacionadas ao ensino da leitura e aos aspectos históricos e sociais que afetam o campo educacional. Assegurar o direito à literatura e o acesso a textos literários deve ser tarefa de toda a sociedade, porém, dadas as realidades das escolas públicas, integrar esse segmento de leitura ao currículo não é uma tarefa fácil. Poucos alunos têm contato direto com livros literários e, para a maioria deles, esse acesso ocorre somente após o ingresso na escola. Assim, a partir desse ponto de vista e percebendo a importância da escola na formação de leitores, consideramos que, além das contribuições cognitivas e sociais, a leitura literária proporciona, a quem lê, a vivência do prazer estético e da fruição, experiência que permite o alargamento dos horizontes e, no campo educativo, auxilia nas atribuições de sentido.

Essa primeira dimensão da leitura literária encontra, por sua vez, uma outra prática que demanda a compreensão do fenômeno literário enquanto tal. Isso significa pensar em uma forma mais profissional de ler o texto literário, aquilo que professores, pesquisadores, teóricos e críticos da literatura comumente fazem ao adentrar o universo literário. Se de um lado a leitura por fruição não demanda uma disposição específica, a não ser a leitura em si, essa segunda prática é fruto de um aprendizado ou uma “educação da leitura”. Nesse segundo viés, a leitura dos textos literários demanda um olhar, uma escuta e uma aprendizagem contínua dos modos de existir do texto.

Pensando nesses aspectos e procurando estabelecer uma ponte com a prática da leitura literária na escola, partimos de uma reflexão sobre o que a BNCC<sup>3</sup> preconiza em relação ao lugar da leitura literária, em sala de aula:

[...] a escola é, hoje, o espaço privilegiado, em que deverão ser lançadas as bases para a formação do indivíduo. E, nesse espaço, privilegiamos os estudos literários, pois de maneira mais abrangente do que quaisquer outros, eles estimulam o exercício da mente; a percepção do real em suas múltiplas significações; a consciência do eu em relação ao outro; a leitura do mundo em seus vários níveis e, principalmente, dinamizam o estudo e conhecimento da língua, da expressão verbal significativa e consciente – condição *sine qua non* para a plena realidade do ser (Coelho, 2000, p. 16).

<sup>3</sup> A Base Nacional Comum Curricular (BNCC) é um documento de caráter normativo que define o conjunto orgânico e progressivo de aprendizagens essenciais que todos os alunos devem desenvolver ao longo das etapas e modalidades da Educação Básica.

Referendada pela Lei n.º 13.415, de 16 de fevereiro de 2017 e apresentando a linguagem como meio de comunicação e interação numa perspectiva enunciativo-discursiva, a BNCC passou a determinar a organização dos currículos em todo território brasileiro. Além de estar relacionado ao uso e à reflexão sobre a linguagem, o documento também orienta para as especificidades da leitura literária e reconhece a importância da fruição e da experimentação do senso estético, como se destaca no excerto abaixo:

Para que a função utilitária da literatura – e da arte em geral – possa dar lugar à sua dimensão humanizadora, transformadora e mobilizadora, é preciso supor – e, portanto, garantir a formação de – um leitor-fruidor, ou seja, de um sujeito que seja capaz de se implicar na leitura dos textos, de “desvendar” suas múltiplas camadas de sentido, de responder às suas demandas e de firmar pactos de leitura (Brasil, 2019, p. 156).

Nesse contexto, percebe-se que a BNCC visa, principalmente, formar leitores que entendam a literatura em sua fruição estética como leitura prazerosa. Ao nosso ver, a implicação da dimensão social ao pensar em expandir a própria visão de mundo por meio da experiência do outro, é a literatura ser percebida para compreensão de nós mesmos e da realidade, em seu próprio tempo, espaço e modo de vida.

Embora o documento mencione a dimensão humanizadora da literatura, não aponta encaminhamentos sobre a abordagem desse segmento, na sala de aula, para fruição estética de textos.

Tradicionalmente, o ensino-aprendizagem de literatura caracteriza-se da seguinte forma: os primeiros anos do Ensino Fundamental são dominados por histórias típicas da literatura infantil. Nessa fase, os jovens alunos são introduzidos nos mundos ficcionais e têm a oportunidade de explorá-los. No Ensino Fundamental Anos Finais, misturam-se a outras literaturas canônicas (Brasil, 1998). Logo, se no começo da experiência escolar, o aluno é apresentado aos textos literários, tendo em vista a criatividade e a ampliação do vocabulário, na etapa de conclusão pode-se iniciar um trabalho que considere a subjetividade e a fruição.

### **A leitura literária e a subjetividade**

Levando-se em conta o sujeito leitor e seu processo de subjetivação, acreditamos que a literatura pode ser uma ferramenta capaz de aguçar e desenvolver a consciência estética e princípios éticos. Tal capacidade potencializa seu valor transformador, no

sentido de ampliar os horizontes de recepção do outro e, como consequência, o respeito ao desconhecido. Quando o leitor é tocado por esse valor e consegue perceber o texto literário, estabelece-se a relação de troca, pois

Ler significa descortinar, mudar de horizontes, interagir com o real, interpretá-lo, compreendê-lo e decidir sobre ele. Desde o início a leitura deve contar com o leitor, sua contribuição ao texto, sua observação ao contexto, sua percepção do entorno. O prazer de ler é também uma descoberta (Yunes, 1995, p. 186).

Ao se identificar com o que lê, o leitor passa a se conhecer melhor, consegue expandir suas perspectivas e transformar seu mundo interior. Isso se dá porque o texto literário – diferente dos informativos e pragmáticos – possibilita significações amplas e autônomas, não atentando somente aos fatos em si, o que evidencia um dos aspectos mais característicos da literatura: o uso não utilitário da linguagem.

De acordo com Bordini e Aguiar (1988), o papel do leitor de literatura se revela pela reconstrução do universo simbólico das palavras a partir da linguagem, com base nas experiências do sujeito leitor. A leitura implica o reconhecimento de um sentido, ou seja, a fruição do texto literário se dá na produção de significados mediante a vivência estética. Ao ler, o sujeito aciona emoções e memórias significativas que, com as pistas dadas pelo autor, levam-no a experimentar os sentimentos do mundo.

Sob o mesmo enfoque, Regina Zilberman (2003) aborda um aspecto importante para promover nossa reflexão no contexto da leitura literária: a ficcionalidade. Argumentando sobre a literatura afetar o leitor de forma dinâmica e ativa, e este não ficar indiferente aos seus efeitos, a autora acredita que o mundo ficcional permite ao leitor vivenciar seus próprios espaços e se aproximar de sua vida. Descrevendo alguns procedimentos relacionados à literatura, ela ressalta:

Como procede a literatura? Ela sintetiza, por meio dos recursos da ficção, uma realidade, com amplos pontos de contato com o que o leitor vive cotidianamente. Assim, por mais exacerbada que seja a fantasia do escritor ou mais distanciadas e diferentes as circunstâncias de espaço e tempo dentro das quais uma obra foi concebida, o sintoma de sua sobrevivência é o fato de que ela continua a se comunicar com seu destinatário atual, porque ainda fala de seu mundo, com suas dificuldades e soluções, ajudando-o, pois, a conhecê-lo melhor (Zilberman, 2003, p. 25).

Assim, a leitura nos envolve e nos transporta para um lugar que não é mera imaginação, mas se molda à realidade. Os leitores podem preencher lacunas, promover a emancipação e ampliar horizontes de expectativas, por meio de seus próprios

experimentos. Com base em tais pensamentos e considerando a construção de um projeto de leitura literária, entendemos que o foco do trabalho

[...] deve recair sobre o leitor ou a recepção, e não exclusivamente sobre o autor e a produção. O conceito de leitor deve se basear em duas categorias: a de horizonte de expectativa, misto dos códigos vigentes e da soma de experiências sociais acumuladas; e da emancipação, entendida como a finalidade e efeito alcançado pela arte, que libera seu destinatário das percepções usuais e confere-lhe nova visão da realidade (Zilberman, 1989, p. 49).

Se quisermos falar sobre o processo de leitura e seus significados, devemos estar atentos ao leitor, principal parte do ato de ler e da interpretação. Pensando nisso, assumimos que ele está sempre em processo de construção, observando e avaliando, por meio da percepção subjetiva, se a leitura tem valor estético e se é lida significativa.

A leitura literária como um processo de comunicação, e caracterizada – dentre outros indicativos – por sua incompletude, convida o leitor a buscar respostas, a explorar, a compreender a obra e a renová-la, a partir da sua compreensão e de diferentes maneiras, possibilitando-lhe preencher, no ato de interpretação, as muitas lacunas dos textos ficcionais.

Devido ao caráter sugestivo da leitura, que se define pela possibilidade de cada texto gerar pensamentos, imagens, memórias e sentimentos correlacionados ao contexto, devemos considerar o aspecto polissêmico dos escritos literários, pois criam um mundo interno e imaginário a partir de significados emendados pela obra.

A resposta desencadeada a partir da interação texto-leitor produz um efeito semântico, já que, para compreender o texto, o leitor deve se debruçar sobre ele e o seu conhecimento manifestado quando, inconscientemente, escolhe as estratégias e as habilidades necessárias para inferir possibilidades e significados. Com base nessas constatações, compreendemos que o professor deve proporcionar métodos de leitura favoráveis à forma como o leitor constrói e reconstrói os sentidos do texto e amplia seu repertório textual e estético. Estabelecer essa perspectiva mostra que os processos promotores de leitura, nas escolas, também permeiam como os educadores desenvolvem o segmento literário, ou seja, como trabalham para proporcionar aos estudantes uma experiência estética.

Tais hipóteses refletem as ideias apresentadas neste estudo, em que o professor é visto como um mediador com a finalidade de conduzir o leitor aos sentidos do texto, a dialogar e a discutir as leituras. No entanto, na nossa perspectiva, esses mediadores

precisam de pesquisas constantes que lhes permitam refletir e estudar a concepção adotada no ensino de literatura. Acreditamos no aprimoramento e no quanto ele nos ajudará a entender a necessidade de encontrar novas e interessantes práticas para incentivar nossos alunos.

O mediador de leitura (professor) faz parte do processo de letramento literário, pois além de incentivar e apresentar textos literários, desenvolve atividades que possibilitam aos alunos a interação com a literatura. Em consonância com tais observações, Regina Zilberman, argumenta

Ao professor cabe o desencadear das múltiplas visões que cada criação literária sugere, enfatizando as variadas interpretações pessoais, porque decorrem da compreensão que o leitor alcançou do objeto artístico, em razão de sua percepção singular do universo representado (Zilberman, 2003, p. 28).

Desse modo, quando refletimos sobre os aspectos envolvidos na leitura sugerida em cada obra literária, entendemos que sua prática pressupõe subjetividade, imaginação e prazer e acontece na forma como o leitor a percebe e permite redimensionar seus pensamentos.

Esse aspecto deixa livre a movimentação de quem lê, reassegurando a riqueza polissêmica da literatura. Com isso em mente, destacamos aspectos da leitura literária que consideramos importante distinguir: antes de tudo, a fruição do texto e a liberdade de interpretação do leitor. Além disso, devemos acreditar em uma forma de preservar a fruição como oportunidade para que os alunos construam significados e contextualizem suas leituras. Por fim, reafirmamos a dimensão libertadora da leitura de literatura, quando o leitor é levado a pensar sobre sua história, por meio da representação de um mundo fictício em que vários personagens e situações são criados.

Tal concepção norteia nosso posicionamento como professores e pesquisadores, porque vemos a leitura como um processo interativo entre o leitor, a obra e o contexto em que ela ocorre. Com base nesse entendimento, buscamos elaborar propostas de leitura nas quais a subjetividade do leitor e as situações interligadas entre imaginação e realidade existentes em nossas vidas sejam consideradas.

Nos estudos literários e diante das muitas abordagens de leitura, destacamos a importância da dimensão subjetiva que, além de ocupar um lugar especial na experiência literária, pois chama a atenção para a importância de se considerar o leitor

como o fenômeno central da leitura, permite uma troca constante e recíproca entre o interior de quem lê e a obra.

Para Vincent Jouve, a leitura, em todas as suas dimensões, está relacionada à subjetividade: cada leitor revive sua memória ao inserir sentidos naquilo que lê. Nas palavras de Jouve (2013, p. 53)

Com efeito, cada um projeta um pouco de si na sua leitura, por isso a relação com a obra não significa somente sair de si, mas também retornar a si. A leitura de um texto também é sempre leitura do sujeito por ele mesmo, constatação que, longe de problematizar o interesse do ensino literário, resulta-o.

Seguindo a linha e o pensamento do autor, as emoções são o ápice da leitura literária. Para Jouve (2002, p.19), “se a recepção do texto recorre às capacidades reflexivas do leitor, influi igualmente – talvez, sobretudo – sobre a sua afetividade. As emoções estão de fato na base do princípio de identificação, motor essencial da leitura de ficção.”

A partir dessas considerações, pode-se pensar no papel das emoções na interação entre o leitor e o texto e do mediador que “pavimenta” o caminho. Em nossa visão, a percepção se faz no âmbito da subjetividade e quem lê só perceberá e apreciará efetivamente os textos literários se essa relação for satisfatória e seus sentidos aguçados.

Com isso, entendemos que a leitura literária é tanto uma expressão da imaginação subjetiva do autor, quanto uma realidade observada no mundo do leitor, pois ler textos desse segmento expande os limites do que ele conhece, por meio da imaginação, e leva-o a interpretar, de acordo com o intelecto, e a participar ativamente do processo de sua formação, imprimindo sentido ao que lê.

Jouve (2013) argumenta que a leitura envolve dois planos constitutivos: o afetivo e o intelectual, ambos profundamente moldados pela subjetividade. Segundo o autor, ao lermos, ativamos memórias e ampliamos nosso horizonte de expectativas, o que contribui para o processo interpretativo. Esse aspecto, que ele denomina “subjetividade necessária”, ocorre quando as lacunas do texto – os chamados “lugares de incerteza” – são preenchidas pelas associações e experiências pessoais do leitor.

Além disso, o autor destaca que as imagens mentais elaboradas durante a leitura estão profundamente conectadas à memória afetiva. Por exemplo, quem nunca imaginou uma casa de doces da história de João e Maria, um castelo medieval, ou mesmo uma

floresta assombrada? Essas imagens, evocadas pela nossa memória de leitura, são ativadas em novas interpretações e permitem uma interação entre leitor e texto.

Por outro lado, surge uma "subjetividade acidental" sob as visões emocionais e intelectuais. No plano emocional, o leitor se identifica com personagens ou, em alguns casos, pode discordar dos interesses do autor, enriquecendo sua experiência com reações e reações pessoais. Já no plano intelectual, Jouve (2013) explica que a memória do leitor retém informações com base em seus interesses e limitações, uma vez que é impossível registrar todos os detalhes do texto. Essa subjetividade acidental se manifesta, então, nos momentos em que o leitor atribui significados não previstos pelo autor.

Assim, nós a entendemos com o que associamos à obra, inspirados na abstração do texto, pensando na compreensão linguístico-cultural do escrito. Para Jouve, a subjetividade acidental permite maior impacto ao leitor, pois se dá mediante "a leitura como retorno a si", ou seja, o confronto do leitor consigo mesmo, como se destaca no excerto:

É, pois, em razão de sua dimensão subjetiva que a leitura se apresenta como uma exploração máxima da área transacional tal qual é definida por Winnicott. Espaço intermediário entre o eu do leitor e o não-eu do texto, entre o sujeito que lê e o outro que escreve, entre o imaginário das representações e a realidade da linguagem, ela é esse lugar intermediário onde se persegue a construção jamais acabada de nossa identidade (Jouve, 2013, p. 61).

Ao ler um texto literário, o leitor passa a vivenciar o "mundo" criado pela ficção em sua imaginação, aceitando-o como possível para ele. Esse movimento lhe permite preencher as lacunas do texto com base em suas vivências e impressões, à medida que as ações são transformadas, no plano fictício. Nessa perspectiva, podemos perceber que uma obra está em constante mudança e movimento, pois está aberta à intervenção do leitor e aos seus aportes emocionais e imaginativos, elaborados a partir da sua interioridade. Transferindo esses aspectos teóricos para a sala de aula, verificamos que o conceito de leitura subjetiva é crucial para o debate sobre a formação de leitores literários e sua viabilidade.

A leitura subjetiva ocorre nesse confronto entre quem lê e seu eu interior e pode ser vista como um exercício de liberdade, uma resposta às buscas, uma fonte de satisfação pessoal e de conhecimento do mundo. Considerando esse ponto de vista, sugerimos uma valorização do leitor e das experiências que ele traz consigo,

privilegiando uma compreensão dialógica, a partir dos múltiplos sentidos construídos no processo.

Com base no exposto, concluímos que a prática de ensino literário pautada na leitura subjetiva e as emoções nela irradiadas, além de influenciarem, ativamente, na construção do sentido dos textos pertencentes a esse segmento, por meio dos sujeitos leitores, é também o consentimento do leitor à obra, um retorno a si mesmo e à formação de sua identidade. Nesse aspecto, essa dimensão é uma importante porta de entrada para a construção do letramento literário.

### **O letramento literário**

Quando pensamos em como poderíamos possibilitar uma experiência do “ponto de vista subjetivo”, enfrentamos vários desafios: como fazer com que os alunos se interessem pelo contato com as obras literárias? De que maneira levá-los a interagir com o texto de forma proveitosa e como envolvê-los? Junto a essas, outra questão: o conhecimento estético é realmente possível? Eliana Yunes foi uma excelente interlocutora, na criação e construção desse diálogo, pois consoante à autora “ler é, pois, interrogar as palavras, duvidar delas, ampliá-las. Desse contato, dessa troca, nasce o prazer de conhecer, de imaginar, de inventar a vida” (Yunes, 1995, p. 188). Então, entendemos que o leitor, por sua própria experiência receptiva, reconstrói a leitura, imagina novas possibilidades e reformula hipóteses.

A memória é parte importante na formação da própria história, conferindo uma certa identidade a cada ser humano, e também no processo de leitura, ao provocar lembranças e vivências do leitor. Esse entrelaçamento de recordações pessoais e sociais constitui a tomada de consciência do sujeito leitor, dentro da trajetória pessoal, levando-o ao autoconhecimento e situando-o no mundo. Yunes reforça essa ideia, ao enfatizar as interações entre memória e leitura:

O ato de ler, na medida em que vem apelar ao receptor por sua participação, acaba provocando suas memórias e nelas, suas posturas, seus sonhos, suas opiniões antes tão encobertas ou desconhecidas por ele próprio. O ato de ler convoca ao exercício de pensar e neste, ao de se encontrar. Pensar, pesar, evocar, rememorar as experiências iniciais e posteriores da leitura, por exemplo, são gestos que afetam o ato de ler e o impregnam das vivências de cada um, dando-lhe a oportunidade, pouco a pouco, de conscientizar-se (Yunes, 1995, p. 192).

Não obstante, outro traço que nos permite caracterizar o ato de ler, encontra-se nas relações intersubjetivas. Como sujeitos sociais, a subjetividade faz parte das nossas vivências e é em seu âmbito que formulamos hipóteses. Adentrando esse campo, é necessário acentuar que “somos atravessados por uma permanente intersubjetividade, quer queiramos, quer não” (Yunes, 1995, p. 193). A partir da memória, da subjetividade que trazemos e compartilhamos, as hipóteses por nós construídas nos moldam como sujeitos e a interpretação é o resultado do confronto com as reminiscências enviesadas por ela.

Diante dessas constatações, é plausível sugerir que o leitor articule um conjunto de combinações entre conhecimentos e memórias, durante a leitura, para compreender as nuances das histórias. Ao longo do percurso, tais aspectos se evidenciam como princípios norteadores, conforme preconiza Yunes (1995, p. 193): “a leitura não se constrói sobre o nada. Há algo que provoca o leitor, lhe interessa, lhe instiga outro pensamento, que lhe permite dar asas à imaginação.” Nesses termos, acreditamos na premissa: quem lê pode interpretar subjetivamente o texto apresentado (intencionalmente pelo autor), durante a leitura, e é essa interpretação que o torna real; uma obra não existe especificamente sem a imagem do leitor, pois ele é o responsável por torná-la significativa. Assim, entendemos que os elementos do mundo contidos no texto podem ser decifrados pelo leitor, de acordo com sua subjetividade e não com conceitos previamente estabelecidos. Nessa perspectiva, o leitor literário surge, quando a leitura cria uma resposta capaz de transformar seu interior.

Importante salientar, até mesmo como processo de construção de qualquer metodologia que se pretenda empregar, aquilo que Rildo Cosson reitera quando expressa as especificidades do letramento literário:

É assim que o literário que se justapõe ao letramento se refere menos a um conjunto de textos que recebe essa denominação por fazer uso dessa linguagem e mais a um modo de ler que reconhece e usa essa linguagem como uma forma singular de dar sentido e experienciar o mundo. Por isso, não basta que se tome as obras literárias como objeto de letramento para constituir o letramento literário. Na verdade, o que é fundamental para essa aprendizagem sociocultural é que essas obras sejam lidas de maneira literária, daí a reivindicação que fazemos da apropriação literária da literatura – o que implica considerar tanto os textos quanto os repertórios de leitura – como base da definição e prática do letramento literário (Cosson, 2021, p. 86).

O leitor é quem dá vida ao texto, conforme o significado que ele transmite e a interpretação. Dessa forma, cria-se uma relação dialógica entre o texto literário e quem

lê, pois o primeiro adquire sentido somente após receber o segundo. O próprio leitor determina a acepção do texto literário, no contexto da leitura, e, no decorrer dela, o horizonte de expectativas desse leitor talvez seja preenchido, ou rompido, por determinada obra, que pode mudar, segundo o seu ponto de vista.

Ao apresentarmos uma proposta visando à formação do leitor literário e considerando a subjetividade, faz-se necessário discutirmos a questão da ficção e alguns desdobramentos relacionados a ela. Ademais, o texto literário se difere dos demais pela sua natureza artística, elemento que a torna um aspecto especial da literatura.

A esse respeito, Wolfgang Iser (1999, p. 70) afirma que “o fictício depende do imaginário para realizar plenamente aquilo que tem em mira, pois o que tem em mira só aponta para alguma coisa, alguma coisa que não se configura em decorrência de se estar apontando para ela: é preciso imaginá-la.” Desse modo, a ficção depende da imaginação para compreender o que não está mesurado, mas fantasiado. Na criação artística, os textos geram um universo próprio, possivelmente baseado em aspectos da realidade, mas transformado no processo de recriação.

Por meio da literatura e do significado resultante, o leitor pode mudar seu mundo. Para Iser (1999, p. 65), “a especificidade da literatura, o traço que distingue como meio consiste no fato de que é produzida mediante uma fusão do fictício e do imaginário.” Quando consideramos que o “fingir da ficção” pode levar o leitor à complexidade da vida e do mundo e fazê-lo pensar, vemos que a ficção nasce na interseção do mundo real e da imaginação. Na visão do autor:

A formulação do não-formulado abarca a possibilidade de nos formularmos e de descobrirmos o que até esse momento parecia subtrair-se à nossa consciência. Neste sentido, a literatura oferece a oportunidade de formularmos a nós mesmos, formulando o não dito [...] de constituirmos a nós mesmos constituindo uma realidade que nos era estranha (Iser, 1999, p. 82-93).

Em sintonia com tais observações, Sandra de Pádua Castro (2007, p. 58) em seu artigo “O imaginário na construção da realidade e do texto ficcional”, observa que “o mundo ficcional pode romper os horizontes limitados de expectativas que os leitores possam ter sobre o texto, o mundo extratextual e sobre si mesmos.” Corroboramos com essa ideia, pois quando esses limites são quebrados, o universo fantasioso expande o espaço que ocupa, apenas para ser fragmentado novamente. É notório, nas reflexões acerca do tema, a referência à importância da subjetividade possibilitada pela leitura de textos ficcionais.

Adentrando o campo da ficção, transcrevemos as palavras de Castro (2007, p. 58): “agindo sobre o leitor, o ficcional, como trânsito do imaginário, atua também na realidade circundante do próprio leitor.” Por retratar a realidade em ficção recorrendo à imaginação, esse segmento de leitura pode (re)dimensionar nossa realidade, ampliando nossa visão de mundo que se manifesta nos posicionamentos dos personagens. Por meio do processo de identificação com as situações daquele texto, o leitor pode acionar as decepções, medos ou acertos dos personagens e desenvolver uma visão diferente de seus próprios sentimentos.

Ao retratar as diversas transformações do ser humano, a literatura sugere que nossa forma de pensar também pode mudar. Portanto, o efeito estético se renova a cada leitura feita, pois depende da participação do leitor, e atua fornecendo significados e estímulos respondidos por meio de representações.

Acreditarmos que a redefinição da relação emocional entre os alunos e o texto literário é essencial na concepção e na implementação de projetos relacionados à leitura e seus desdobramentos. Para nós, isso significa, necessariamente, uma formação estética e subjetiva capaz de oferecer ao aluno consciência emocional. Reiteramos que a literatura pode contribuir para a construção da personalidade e refletir a realidade do sujeito leitor, buscando opiniões críticas questionadoras da realidade e dos múltiplos sentidos atribuídos a ela.

### **Tecendo estratégias para envolver o leitor**

O ensino de literatura prevê a necessidade de um apoio teórico e metodológico, para que os objetivos da formação do leitor sejam alcançados. É preciso mudar o modelo costumeiramente contemplado em sala de aula, guiado apenas pelo livro didático e pela busca de um horizonte final de sentido. À primeira vista, pode-se pensar nesses livros como retentores de uma seleção de textos literários, mesmo percebendo-se que foram adaptados, editados ou fragmentados. Essas práticas não consideram o universo de quem lê, sua interação, no ato da leitura, e sua construção ativa de sentido, tendendo a anular a sua imaginação criativa. Essa fragmentação colabora, também, para uma falsa ideia de interpretação dos pedaços como forma de abranger o todo textual.

No encaminhamento da pesquisa desenvolvida, partimos dos estudos da Estética da Recepção<sup>4</sup>, de Hans Robert Jauss, que conduz a aproximação entre texto e leitor, tendo em vista a subjetividade, e introduz a discussão de tal temática, atentando para o elo, envolvendo o texto e quem o lê. Nessa mesma linha teórica, as professoras Maria da Glória Bordini e Vera Teixeira Aguiar construíram algumas propostas metodológicas, amparadas pela ideia de natureza receptiva. Para as autoras:

A teoria da Estética da Recepção desenvolve seus estudos em torno da reflexão sobre as relações entre narrador-texto-leitor. Vê a obra como um objeto verbal esquemático a ser preenchido pela atividade de leitura, que se realiza sempre a partir de um horizonte de expectativas (Bordini e Aguiar, 1988, p.31).

O leitor, nessa concepção, torna-se responsável pela atualização da obra, a partir da interação entre os vazios a serem preenchidos, no próprio ato de leitura. Dessa forma, ele é quem dialoga com a obra. Segundo Jauss (1994, p. 25),

[...] a história da literatura é um processo de recepção e produção estética que se realiza na atualização dos textos literários por parte do leitor que os recebe, do escritor, que se faz novamente produtor, e do crítico, que sobre eles reflete.

Ainda nos detendo no processo de recepção, “[...] as teorias da recepção fundamentam-se em um pressuposto quase tautológico - o de que as obras são objeto de algum tipo de acolhimento” (Zilberman, 2008, p. 85). A compreensão do texto depende da percepção do leitor e isso nos leva a considerá-lo o mais importante, nesse processo. Sua participação ativa é essencial, pois o texto só tem validade efetiva se for lido e compreendido por uma pessoa que usa seus conhecimentos prévios e habilidades cognitivas para tal fim.

A Estética da Recepção valoriza o papel do leitor como parte do processo de construção dos sentidos da obra. Por conseguinte, a atividade de leitura é aquela que desafia a compreensão do leitor e o conduz a uma nova consciência crítica das suas expectativas habituais. Bordini e Aguiar apresentam reflexões sobre a obra literária, oferecendo esclarecimentos que ampliam o entendimento sobre seu valor e função.

A obra literária é avaliada, a partir da teoria recepcional, através da descrição de componentes internos e dos espaços vazios a serem preenchidos pelo leitor. Faz-se, então, o confronto entre o texto e suas diversas realizações na leitura e explicam-se estas recorrendo-se às expectativas dos diferentes leitores ou grupo de leitores em sociedades históricas definidas (Bordini e Aguiar, 1988, p. 31).

---

<sup>4</sup> A Estética da Recepção ou Teoria da Recepção propõe uma reformulação da historiografia literária e da interpretação textual, procurando romper com o exclusivismo da teoria de produção e representação da estética tradicional, pois considera a Literatura enquanto produção, recepção e comunicação, ou seja, uma relação dinâmica entre autor, obra e leitor.

A coesão texto-leitor é criada quando surgem fatores que orientam a leitura, ou seja, aproximam ou afastam o leitor do texto. Isso está no horizonte de expectativas, de quem lê, corroborando Bordini e Aguiar (1988, p. 86), quando afirmam: “a literatura não se esgota no texto. Completa-se no ato de leitura e o pressupõe, prefigurando-o em si, através de indícios do comportamento a ser assumido pelo leitor.”

Em “Literatura: A Formação do Leitor - Alternativas Metodológicas” (1993), publicada pela primeira vez em 1988, Bordini e Aguiar apresentam cinco etapas complementares, nas quais o ‘horizonte de expectativas’ é: determinado, momento em que o professor procura conhecer as relações dos alunos com a leitura; atendido, etapa para o docente proporcionar experiências com textos literários segundo o conhecimento da turma; rompido, passo em que é feita a introdução de novos textos, geradores de rupturas; questionado, tempo de comparar o que o aluno conhecia e o novo, e ampliado, ponto em que os leitores se abrem a novas experimentações com a leitura.

Entre diversas estratégias, vimos, na sequência acima mencionada, uma boa alternativa para a aplicação de atividades literárias, em sala de aula, pois ela promove a ampliação do horizonte de expectativas do leitor, o qual é desenvolvido segundo os pressupostos teóricos da Estética da Recepção.

Ademais, acreditamos que a metodologia também permite a democratização da leitura e a formação da autonomia, pois a recepção leitora fundamenta-se na interação do aluno em contato com os diferentes textos. As cinco etapas podem ser, ainda, motivadoras para que pensemos em um processo gradativo da leitura literária e de sua complexidade ao ser executada. Ao buscarmos métodos de leitura literária que possam contribuir para a formação de um leitor subjetivo, capaz de administrar o texto, criar sentidos e iniciar um processo dialógico e funcional, insistimos na conquista da última etapa.

Esses aspectos configuram-se para serem relacionáveis aos leitores mais jovens, desde que essas questões sejam apreendidas pela percepção figurativa da ficção, ou seja, a leitura da literatura é feita em aspectos plurais e não como um procedimento de sua didatização inadequada. Pode-se dizer que a releitura, como instrumento de fruição e meio de se buscar uma relação mais íntima do aluno com o texto contribui para o progresso do leitor, por meio das ações e da oportunidade de expressar suas subjetividades.

O livro “Não era uma vez: contos clássicos Recontados”, uma coedição latino-americana escrita por nove diferentes autores, retrata distintas versões dos contos clássicos e foi a obra que escolhemos para uma prática interventiva com jovens entre 13 e 14 anos. Como o título nos indica, nada nele será como conhecemos, já que dialoga com o díspar, com o improvável. A obra promove interações com o leitor juvenil por meio das suas releituras, ampliando seu horizonte a partir da ideia de que uma história pode ter várias versões. Assim, os recontos componentes da obra discutem, cada um por um prisma, a busca da identidade, a empatia e o respeito à diversidade.

O conto de Chapeuzinho Vermelho, por exemplo, trouxe para nós uma forma prazerosa de estimular o ato de ler, uma vez que reorganiza a história de todas as formas possíveis, estimulando o envolvimento do aluno. “Antecedentes de uma famosa história” conquista os jovens leitores pela perspicácia de trabalhar temas atuais de forma simbólica, trazendo para o leitor múltiplas reflexões que fazem com que o texto conhecido se torne uma outra coisa. O engajamento e o interesse dos jovens foi extremamente importante e fez com que a mediação pudesse ocupar-se do trânsito entre os textos tradicionais e suas releituras, demonstrando o rico universo que abarca as diferentes formas de se contar uma história. A recepção evidenciou a riqueza de opiniões e ideias que esse diálogo proporcionou e seus diferentes percursos.

### **Considerações finais**

Os desdobramentos desta proposta, além de nos ajudarem a estabelecer um caminho a seguir, em nossa concepção como professores mediadores da leitura literária, indicaram um percurso que privilegiou o trabalho de revitalizar os sujeitos leitores existentes em nossos alunos, colaborando com o seu desenvolvimento. Isso nos fez perceber o quanto a ação e a reflexão são necessárias para a um bom desenvolvimento de práticas leitoras na escola e podem criar espaços e atividades voltadas para tornar os momentos de leitura mais significativos.

Ao engajarmos a leitura de textos por meio de módulos voltados à formação do leitor literário, percebemos que o protagonismo do aluno favorece a construção de sua própria subjetividade: eles podem ser encorajados a gostar de ler quando estão envolvidos em atividades significativas, desafiadoras e próximas à sua realidade, ou se

não sentirem obrigados a dar respostas imediatas. Ao estabelecerem conexão com a obra literária, deixam-se guiar pelo desejo de ler, de percorrer as páginas do livro de forma mais prazerosa, com mais facilidade, sem a pressão de interpretações gramaticais, ou atividades avaliativas de imediato.

Ressaltamos que, desde o início, o objetivo da leitura foi, principalmente, oportunizar o encontro entre o texto literário e o leitor, adotando um método que considere a relação subjetiva inerente ao ato de ler. Nesse entendimento, confirmamos a metodologia recepcional como possibilitadora de um exercício minucioso no qual o aluno vivenciou as etapas de leitura e o processamento do texto literário aconteceu principalmente por curiosidade, para experimentar algo novo e aprender com as histórias. Entretanto, é clara, para nós, a necessidade de um trabalho sistemático e contínuo para desenvolver um leitor literário capaz de transitar entre diferentes leituras, mediante a apropriação desse texto literário, aceitando-o ou confrontando-o.

Pode-se dizer que a releitura, como instrumento de fruição e meio de se buscar uma relação mais íntima do aluno com o texto contribuiu para o progresso do leitor, por meio das ações e da oportunidade de expressar suas subjetividades. Ao escolhermos o reconto como uma forma prazerosa de estimular o ato de ler, pensamos na leitura subjetiva como um processo e, nesse sentido, as atividades foram planejadas, desenvolvidas e reorganizadas para estimular o envolvimento do aluno<sup>5</sup>.

Os recontos, como se evidenciou ao longo deste estudo, preservam sua estrutura original e, gradualmente, adquirem uma nova estética. Os enredos vistos nos contos tradicionais (introdução, complicação, clímax e desfecho) encontram, nessas releituras, maneiras alternativas de levar a narrativa adiante. Assim, os recontos, mais que apresentarem protagonistas inusitados, temas cotidianos proeminentes e atitudes incomuns dos personagens, em suas relações interpessoais, garantem a presença de elementos como a plurissignificação, a metalinguagem e, principalmente, a intertextualidade.

Diante desse cenário, nossa proposta de releitura dos contos tradicionais foi pautada na abordagem interativa, em um espaço para a fruição e, por conseguinte, na formação dos alunos leitores, que registraram, individualmente, enquanto dialogavam

---

<sup>5</sup> Toda a descrição das atividades desenvolvidas pode ser encontrada na dissertação de mestrado no endereço: <http://bdtd.ufm.edu.br/handle/123456789/1518>

com esses textos, seus sentimentos, emoções, relacionamentos e identidades, no recurso nomeado, por nós, de diário de práticas e vivências de leitura.

Ao encontrar, no texto, acontecimentos que fazem parte do seu universo e personagens apresentados sob diferentes pontos de vista, o leitor os reconhece e adota uma atitude diferente, extrapolando o escrito e aprendendo sobre si mesmo e o mundo. Nesse sentido, observamos como a sequência de leituras possibilitou autonomia progressiva e protagonismo, aos alunos, à medida que apresentavam seus trabalhos e interagiam com novas habilidades, como a capacidade de compreender, refletir e, ainda, se posicionar sobre as leituras.

Os resultados deste estudo nos permitiram revisitar nossas práticas, no que diz respeito ao manuseio de textos literários e à formação de jovens leitores, proporcionando percursos alternativos às atividades de leitura dos alunos. Ressaltamos ainda o quanto a participação neste programa de formação da prática docente nos propiciou uma valiosa oportunidade de aprimorar nosso fazer pedagógico, somada à aquisição de conhecimentos, que contribuiu para o nosso desenvolvimento pessoal e profissional. O contato continuado com as leituras e o arcabouço teórico introduzidos sustentam a capacidade de enfrentarmos novos desafios, em busca de ensinamentos mais sólidos e uma maior consciência da importância do ato de ler.

Nossa proposta visa estimular professores a pensarem atividades de leitura com textos literários, construindo sentidos a partir da subjetividade do leitor e da vivência do prazer estético possibilitada pela literatura. Dado o escopo e a abrangência da metodologia utilizada neste estudo, ela ressalta que existem muitos outros caminhos a serem explorados.

Nessa direção, procuramos definir os métodos de leitura literária que possam contribuir para a formação de um leitor subjetivo, capaz de administrar o texto, criar sentidos e iniciar um processo dialógico e funcional. O resultado foi extremamente significativo e demonstrou que a mediação deve ser muito mais do que a decifração dos textos, pois ela engendra um ato coletivo de ser e estar no mundo em que vivemos.

## Referências

- BASCH, A; MACHADO, A; HUIDOBRO, B; ALONSO, C; DRAGO, J; TENORIO, M; LABASTIDA, D; TEJO, H; YAGNAM, M. **Não era uma vez: contos clássicos REcontados**. 1. São Paulo: Editora Melhoramentos, 2010.
- BORDINI, M. G; AGUIAR, V. T. De. **Literatura - a formação do leitor: alternativas metodológicas**. Porto Alegre: Mercado aberto, 1988.
- BORDINI, M. G; AGUIAR, V. T. de. **Literatura a formação do leitor: alternativas metodológicas**. 2. ed. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1993.
- BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília, 2018.
- CASTRO, S.P. De. **O imaginário na construção da realidade e do texto ficcional**. Txt: Leituras Transdisciplinares de Telas e Textos, [S.l.], v. 3, n. 5, p. 53-60, jun. 2007. ISSN 1809-8150. Disponível em: <http://www.periodicos.letras.ufmg.br/index.php/txt/article/view/9565/8406>. Acesso em: 23 jan. 2023. doi:<http://dx.doi.org/10.17851/1809-8150.3.5.53-60>.
- COELHO, N. N. **Literatura infantil: teoria, análise, didática**. 1. ed. São Paulo: Moderna, 2000.
- COSSON, R. **Letramento literário: teoria e prática**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2014.
- COSSON, R. Ensino de literatura, leitura literária e letramento literário: uma desambiguação. Interdisciplinar. **Revista de Estudos em Língua e Literatura**, São Cristóvão SE, v. 35, n. 1, p. 73-92, 2021. DOI: 10.47250/intrell.v35i1.15690. Disponível em: <https://periodicos.ufs.br/interdisciplinar/article/view/15690>. Acesso em: 3 abr. 2023.
- ISER, W. **O ato da leitura: uma teoria do efeito estético**. Vol. 2. Tradução: Johannes Kretschmer. São Paulo: Editora 34, 1996.
- ISER, W. **O jogo do texto**. In: LIMA, Luiz Costa (Org.) **A Literatura e o leitor: textos de estética da recepção**. 2. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1999. p. 105-118.
- JAUSS, H. R. **A história da literatura como provocação à teoria literária**. Trad. De Sérgio Tellaroli. São Paulo: Ática, 1994.
- JAUSS, H. R; LIMA, L. C. **A Literatura e o leitor: textos de estética da recepção**. Paz e Terra, 2002.
- JOUVE, V. A leitura como retorno a si: sobre o interesse pedagógico das leituras subjetivas. In: ROUXEL, Annie; LANGLADE, Gérard; REZENDE, Neide Luzia de. (Org.). **Leitura subjetiva e ensino de literatura**. São Paulo: Alameda Casa Editorial, 2013. p. 53-65.
- JOUVE, V. **A Leitura**. Tradução Brigitte Hervot. São Paulo: Editora UNESP, 2002.
- PETIT, M. **A arte de ler ou como resistir à adversidade**. São Paulo: Editora 34, 2009.
- YUNES, E. **Pelo avesso: A Leitura e o Leitor**. Revista Letras, [S.l.], v. 44, dez. 1995. ISSN 2236-0999. Disponível em: <https://revistas.ufpr.br/letras/article/view/19078>. Acesso em: 19 abr. 2024. DOI: <http://dx.doi.org/10.5380/rel.v44i0.19078>.

YUNES, E. **Tecendo um leitor** – uma rede de fios cruzados. Curitiba: Aymar, 2009

ZILBERMAN, R. **A leitura e o ensino da literatura**. São Paulo: Contexto, 1991.

ZILBERMAN, R. **Estética da recepção e história da literatura**. São Paulo: Ática, 1989.

ZILBERMAN, R. **O papel da literatura na escola**. Via Atlântica, São Paulo, v. 9, n. 2, p.

11–22, 2008. DOI: 10.11606/va.v0i14.50376. Disponível em:

<https://www.revistas.usp.br/viaatlantica/article/view/50376>. Acesso em: 19 abr. 2024.

Submetido em 30 de outubro de 2024.

Aceito em 04 de dezembro de 2024.